

## **A Natureza Comunicativa da Cultura: uma Aproximação da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará<sup>1</sup>**

Gleudson Wirllen Bezerra GOMES<sup>2</sup>

Maria Ataíde MALCHER<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pará, Pará, PA

### **Resumo**

O exercício a que nos propomos com este artigo traz as primeiras reflexões teórico-metodológicas, a partir de pesquisa exploratória, no sentido de compreender a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo – Pará. A tarefa não é simples, na medida em que para realizarmos nosso intento, é necessário o desafio de superar a compreensão do modelo informacional, que prevê a Comunicação como mera transmissão de informações e compreender os processos de comunicação como complexos, constituintes de dinâmicas culturais diversas, focando olhar sobre a região amazônica.

**Palavras-chave:** processo comunicativo; festa; Amazônia.

### **Introdução**

A proposta deste artigo é trazer as primeiras reflexões sobre a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo, no Estado do Pará. Iniciamos esse percurso reflexivo com o anteprojeto de pesquisa, no qual expomos o interesse em analisar a Festividade de Carimbó de São Benedito como um processo de comunicação, a partir da teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão (1980), prosseguindo por meio da noção de natureza comunicativa da cultura, como proposto por Martín-Barbero (2006) e França (2008).

Ao partir da Folkcomunicação como viés de análise da Festividade pelo olhar da Comunicação, a proposta inicial era analisar como a festa se relacionava com os meios de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. E-mail: [gleudson.gomes67@gmail.com](mailto:gleudson.gomes67@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: [ataidemalcher@uol.com.br](mailto:ataidemalcher@uol.com.br).

comunicação e instituições estatais, bem como suas relações interpessoais, buscando entender a Festividade como processo de comunicação, de acordo com Marques de Melo (2008) e Roberto Benjamin (2004) ao tratarem das festas populares como processos comunicacionais. Tal proposta também tinha em Martín-Barbero (2006) um ponto de partida, quando afirma ser preciso compreender a natureza comunicativa da cultura, assim como Garcia Canclini (1983; 2008), ao tratar de festas populares e dos processos de hibridação cultural na América Latina. Não obstante, tínhamos em vista as dificuldades epistemológicas em trabalhar com Beltrão, Martín-Barbero e Garcia Canclini, por eles “pertencerem” a correntes de pensamento no mínimo conflitantes entre si, o funcionalismo e os estudos culturais latino-americanos, respectivamente, como destacado por Jacks e Escosteguy (2003).

Ao aprofundar-nos na leitura desses autores, percebemos as aproximações entre eles, a despeito de suas possíveis vinculações teóricas. Em princípio, eles caminham em um mesmo sentido, buscando olhar as relações entre comunicação e cultura, talvez partindo de linhas de pensamento diversas. A partir desse entendimento, pode-se refletir, por exemplo, sobre a contribuição de Beltrão, com a Folkcomunicação, para se compreender a comunicação a partir da cultura. Não o enquadrando como funcionalista, mas percebendo a experiência de pesquisa que este autor traz em sua obra. E falamos em experiência porque, em alguma medida, o que se encontra nesses autores são apenas pistas para como realizar essa pesquisa, já que não há um modelo pronto a seguir.

Assim, a leitura desses autores e outros que tratam do objeto estudo da Comunicação e de processos de comunicação, especificamente, ampliaram o entendimento do que seria compreender a realidade a partir da Comunicação. De posse dessas primeiras leituras, fomos a campo fazer uma primeira aproximação exploratória, acompanhado de autores como os já citados Beltrão, Martín-Barbero, França, além de Wolf (2008), Martino (2010). Porém, nem toda a leitura realizada permitiu-nos livrar de cometer equívocos na pesquisa exploratória, quando tentamos entender a Festividade como um processo de comunicação. Não sem algum espanto, em campo deparamo-nos tentando ver a Festividade de Carimbó de São Benedito como um processo de comunicação ainda preso ao modelo informacional (emissor-mensagem-receptor), apesar de aparentemente já ter entendido que a comunicação é muito mais complexa do que a fórmula prevista nesse modelo. O equívoco, contudo, talvez tenha possibilitado o *insight*, como diria Maffesoli (2005), para que se começasse a vislumbrar as primeiras pistas no sentido de compreender a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito.

Na primeira aproximação com o objeto empírico, utilizou-se o método etnográfico e a entrevista semi-estruturada como técnica, além de um diário de campo, máquina fotográfica e mp4 para gravar as entrevistas.

### **Em busca do objeto de estudo**

O debate epistemológico em curso que perpassa as pesquisas em Comunicação busca refletir sobre a área como um saber específico de conhecimento, uma ciência. Para Martino (2006) isso significa discutir não só qual o corpo teórico que embasaria o saber comunicacional, como qual a especificidade desse saber na compreensão da realidade. Ou seja, é necessário compreender qual o objeto de estudo da Comunicação, este entendido como uma construção teórica a partir da qual se analisa o social.

No entanto, estabelecer um objeto de estudo requer dispor de teorias que o fundamente, norteie. Ao duvidar da existência de teorias da comunicação, ou melhor, ao questionar o que identificaria uma teoria como sendo *da* comunicação, e não *sobre* ela, Martino (2007) afirma haver mais uma crença na existência dessas teorias do que sua existência de fato. Isso porque o que conhecemos hoje por Comunicação, como uma área de pesquisa, funda-se a partir de estudos de outras áreas do saber (Sociologia, Psicologia, Ciência Política, etc.).

A diversidade e fragmentação deste momento inicial dos estudos em Comunicação, por muito tempo foram os marcos que os definiram, isto é, foram utilizados como a identidade da área (Martino, 2004). Para o autor, entretanto, já não basta identificar a Comunicação por sua origem interdisciplinar, é necessário agora fundamentá-la cientificamente. E esta fundamentação está ligada diretamente à qual compreensão se tem da Comunicação, ou melhor, do processo comunicativo:

*Meios de comunicação ou comunicação interpessoal? O processo comunicacional deve ser definido com base na centralidade dos meios de comunicação ou deve ser tomado com base em uma extensão maior, abarcando processos de comunicação não-mediados (a comunicação interpessoal e todas as linguagens em seu sentido amplo, por exemplo)?* (MARTINO, 2006, p. 52. Grifos do autor).

Os questionamentos de Martino vão ao encontro da discussão proposta por França (2001). Ao refletir sobre a constituição da Comunicação como um saber científico, a autora também identifica os meios de comunicação e o processo comunicativo sendo apontados como os objetos da Comunicação. No entanto, França (2001) esclarece que o primeiro trata-se um de um objeto empírico, ou seja, aquele referencial concreto da realidade a partir do qual pode-se propor uma reflexão teórica. Já o processo comunicativo, também é

considerado pela pesquisadora como amplo demais, pois mesmo que o delimitando aos processos humanos e sociais, ainda assim seria difícil caracterizá-lo como uma especificidade das pesquisas em Comunicação.

Na verdade, a discussão proposta por França (2001) quando aborda a questão do objeto da Comunicação apontando estas duas possibilidades, é distinguir o que é objeto de estudo e objeto empírico, na medida em que:

o problema com o objeto de estudo da comunicação é que sua definição vem sempre por demais apoiada ou referenciada no empírico – e ‘objetos de conhecimento’ não equivalem às coisas do mundo, mas são antes formas de conhecê-las; são perspectivas de leitura, são construções do próprio conhecimento. São essas perspectivas que dão o recorte, indicam a especificidade (FRANÇA, 2001, p. 05).

Para Wolf (2008) esta discussão epistemológica quanto ao objeto de estudo da Comunicação vem permeando o campo, mesmo que “subterraneamente”, desde os anos 1950. No entanto, é na década de 1970 que o debate se impõe, com a constatação, por pesquisadores da área, da complexidade do objeto de pesquisa da Comunicação, o que revelava a “profunda crise” em que a área se encontrava. A crítica mais evidente, apontada pelo autor, diz respeito à impossibilidade de se identificar um conjunto coerente e sistematizado de conhecimentos que fundamentasse as pesquisas em Comunicação. Wolf também destaca a contraposição existente entre a teoria administrativa e a teoria crítica, como um fator relevante no debate estabelecido nos anos 1970. Para ele, entretanto:

a contraposição entre as duas orientações de pesquisa e as perspectivas que elas abrem é muito mais problemática do que parece à primeira vista. Todavia, ela permanece bem consolidada e, tendo precedentes ilustres e uma longa tradição, arriscou perpetuar uma separação que até hoje não se revelou nada produtiva para esse campo de estudo (WOLF, 2008, p. XIII).

Ao buscar superar a dicotomia existente entre as chamadas pesquisas administrativas norte-americanas e a teoria crítica européia, Wolf (2008) se propõe a verificar os pontos de integração entre uma e outra. Se são muitas ou poucas as teorias da comunicação (Martino, 2007), ou mesmo se elas existem de fato, o interesse de Wolf está em entender o que cada uma traz de significativo para a compreensão da realidade, a partir da Comunicação. Se a Comunicação ainda necessita de um conjunto de teorias que a fundamente enquanto uma disciplina, Wolf (2008) procura analisar nas ditas teorias da comunicação de massa, qual a contribuição de cada uma delas.

### **Uma compressão do processo comunicativo**

O exercício a que nos propomos com este artigo representa um primeiro esforço no sentido de compreender a Festividade de Carimbó de São Benedito como um processo de comunicação. A tarefa não é simples, na medida em que para realizarmos nosso intento, é necessário o desafio de superar a compreensão do modelo informacional, que prevê a Comunicação como mera transmissão de informações.

Wolf (2008) destaca a contribuição de cada teoria para o desenvolvimento das pesquisas em Comunicação, para além das diferenças epistemológicas ou divergências políticas entre as correntes ou autores que as elaboraram. Isso porque, para Wolf (2008), tais teorias trazem em seu cerne muito mais semelhanças do que diferenças, principalmente na forma como conceituam o processo de comunicação.

Com base nas análises de Wolf (2008), podemos observar que o modelo de comunicação informacional imperou sobre as diversas teorias da comunicação. Ainda que privilegiando a análise dos meios, o contexto sócio-político, ou a cultura de massa em si, tais teorias mantiveram em sua base a simplicidade da comunicação como transmissão de informações, modelo este vindo da teoria matemática. Daí o autor ver neste modelo o ponto de “união” que suplantaria a dicotomia existente entre as ditas “pesquisa administrativa” e “teoria crítica”, na medida em que viam a Comunicação sob um mesmo paradigma.

A partir da reflexão de autores como Beltrão (1980), Martín-Barbero (2006) e França (2001) pode-se perceber que uma das dificuldades para se compreender a comunicação a partir da cultura resulta, justamente, da insuficiência do modelo informacional, que encara a comunicação como transmissão de informações no estilo emissor-mensagem-receptor, quando se trata de buscar a natureza comunicativa da cultura.

Essa dificuldade parece estar evidente nos estudos de Beltrão (1980) sobre a Folkcomunicação, ao conceituá-la como o “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios de direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Nessa perspectiva, o autor tentou observar os processos de comunicação que ocorrem, principalmente, no nordeste do Brasil nos anos 1960, com base no fluxo de comunicação em dois estágios, de Lazarsfeld. No entanto, ao analisar festas, e manifestações culturais como o bumba-meu-boi, por exemplo, Beltrão simplesmente abandona a proposta teórica estabelecida anteriormente, e passa a observar e descrever esses objetos empíricos, vislumbrando neles a sua natureza comunicativa.

Por outro lado, Martín-Barbero (2006) propõe uma compreensão do processo comunicativo que supere o modelo informacional. Ao voltar-se para o contexto da América

Latina, o pesquisador percebe que a realidade sócio-cultural da região não cabia nas teorias e métodos americanos ou europeus. Seu foco de análise, então, passa a deslocar-se dos meios para as mediações sendo que, para isso, é necessário a superação do modelo informacional.

Analisar a comunicação em processo, para Martín-Barbero (2006), é adentrar no âmbito da cultura, observando os usos e apropriações que os sujeitos fazem com o que recebem dos meios em seu cotidiano, seja na família, seja no bairro. Assim, o foco deixa de ser os meios para chegar aos espaços de convívio em que a comunicação se completaria, porque ganharia sentido social, densidade cultural. As mediações, então, seriam esses momentos em que a recepção se completaria, onde adquiriria corpo na trama social, no meio cultural.

Mas para além da recepção, a cultura, ou as culturas populares, é também espaço de produção de sentidos, de gerador de processos de comunicação. E estes processos, no entanto, estão longe de obedecer a uma mera transmissão de informações na medida em que não respeitam a linearidade prevista no modelo informacional. Não há como definir claramente, na cultura, quem é o emissor, o que é mensagem e quem é o receptor porque o processo se dá de forma dinâmica, global, complexificando as relações entre os atores do processo.

Ao trazer uma festa como a Festividade de Carimbó de São Benedito para uma análise a partir da Comunicação, é necessário o esforço no sentido de compreender a comunicação em processo, pois não há demarcações estanques em categorias como emissor-mensagem-receptor. Observando um momento em que os moradores de Santarém Novo carregam um mastro pelas ruas da cidade até a frente do barracão da Irmandade de São Benedito, onde ocorrem as 11 festas em homenagem ao santo, não dá para dizer quem é emissor e quem é receptor no momento em que a interação se dá muito mais no plano simbólico e se realiza fora das demarcações do modelo informacional.

É por essa impossibilidade que Martín-Barbero (2006) considera que o modelo informacional não dá conta da complexidade dos processos de comunicação que se dão no meio cultural. Para analisar “a natureza comunicativa da cultura”, é preciso pensar um processo comunicativo em que a Comunicação não esteja presa ao esquema emissor-mensagem-receptor. De acordo com o autor, assim, analisar a Comunicação a partir da cultura, passando dos meios às mediações, é superar o modelo informacional, visto que, preso a ele:

se torna impossível tudo o que na comunicação se mantém irredutível e não equiparável à transmissão e à mediação de informações, seja porque não cabe no esquema emissor/mensagem/receptor – como um baile ou um culto religioso –, seja porque introduz uma tal assimetria entre os códigos do emissor e do receptor que implode a linearidade em que está baseado todo o modelo (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 283)

E como seria esse processo comunicativo? Talvez ele se explique melhor com a nossa terceira pista, encontrada nas reflexões de França (2001) sobre os paradigmas da Comunicação. Também baseada nas reflexões de Wolf sobre as teorias da comunicação de massa, França propõe o processo comunicativo que dê conta da complexidade social, com o qual se possa analisar a realidade a partir do viés da comunicação. Na verdade, a autora discute a falta de especificidade de um objeto de estudo da Comunicação, identificando dois objetos empíricos das pesquisas na área: os meios de comunicação e o processo comunicativo.

A problemática do objeto de estudo está ligada à questão do paradigma que norteia os estudos em Comunicação. Para França (2001), este é o problema de fundo que resulta na falta de especificidade das pesquisas em nossa área (para além da visão interdisciplinar), isto é, refletir sobre qual o modelo comunicativo nos fundamenta. A partir das análises de Wolf, para quem a modelo de comunicação da teoria hipodérmica permeia as diversas teorias da comunicação (inclusive a teoria crítica e a culturoológica), aliado ao modelo semiótico-informacional e ao semiótico-textual, França aponta ainda um quarto modelo, o dialógico, no qual se privilegia a bilateralidade do processo e igualdade de condições entre os interlocutores.

O que França (2001) propõe é pensar a Comunicação a partir de uma compreensão do processo comunicativo como uma relação de circularidade e globalidade do processo, uma interrelação. Isto se daria na intersecção de três dinâmicas: “quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto)” (FRANÇA, 2001, p. 15). Assim:

Trata-se portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações, lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura (FRANÇA, 2001, p.15).

Somente compreendendo o processo comunicativo como algo dinâmico, liberto do paradigma clássico (emissor/receptor) é que se pode analisar a Festividade de Carimbó de

São Benedito pelo viés comunicacional, do ponto de vista da Comunicação. Pois, como reforça a pesquisadora, “não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos ‘comunicativas’. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa” (FRANÇA, 2001, p. 05).

### **Ver a festa a partir da comunicação**

Se pensar um processo comunicativo longe do paradigma informacional requer compreender como os sujeitos que o estabelecem se constituem social e culturalmente, mais do que refletir sobre um conceito de cultura popular, nossa pista para entender a festa como processo de comunicação consiste em verificar o que seria a experiência popular do mundo. Não qualquer experiência, mas aquela que se configura no momento da festa.

Para Martín-Barbero (2006) o popular constitui-se no Ocidente a partir da Idade Média. A cultura popular, no entanto, não se daria apenas em contraposição à cultura oficial, mas sim em intercâmbio com ela, feito de trocas, seduções. E o tempo do carnaval seria o momento em que o popular estaria mais evidente. A experiência popular posta na rua, feita festa.

Do carnaval e outras festas da Idade Média, Bakhtin (2008) apreende uma de suas características mais marcantes: o riso, a comicidade. O riso popular, para o autor, encarna toda uma forma de se estar no mundo, principalmente quando se considera o contexto medieval em que a Igreja pregava a seriedade e a contrição. Bakhtin vê no riso uma forma de liberdade do povo, em que era possível vislumbrar o modo como o povo via e estava no mundo. Esse “segundo mundo” forjado pelo popular em paralelo ao mundo oficial oferecia “uma visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não oficial, exterior à Igreja e ao Estado” (BAKHTIN, 2008, p. 04-05).

A partir da instituição das classes sociais e do Estado, as formas de expressão popular vão se modificando, ganhando novas formas de existência. Mas é do carnaval medieval, no entanto, que vem “as formas fundamentais de expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular” (BAKHTIN, 2008, p. 05). O carnaval era uma forma de vivência, “um modo particular de existência” no qual o povo expunha sua concepção de mundo, das relações. Ou seja, a vida festiva que se realizava nas ruas, não como uma ruptura, mas como uma continuidade do dia a dia, a vida em festa. Por isso:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem



explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo (BAKHTIN, 2008, p. 07. Grifo do autor).

Essa concepção de mundo de que fala Bakhtin nos dá uma noção do que a festa representa no cotidiano de uma comunidade. Pois, para García Canclini (1983) a festa, ao invés de representar uma fuga do dia-a-dia, na verdade “sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e propostas de mudanças” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 54). Por esse aspecto,

A festa continua, a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, porque não é apenas um movimento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas se repetem (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 55).

Para o antropólogo argentino, então, as festas dão continuidade às contradições do cotidiano. No entanto, como Bakhtin, este autor também acredita que nesses espaços o povo realiza e representa seu ideal de mundo. Com isso, García Canclini (1983, p. 55) compreende que “mediante o ritual da festa o povo impõe uma ordem a poderes que sente como incontroláveis, procura transcender a coerção ou a frustração de estruturas limitativas através da sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que às vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração”.

### **Comunicação festiva: tentando compreender a comunicação em processo**

Em suas pesquisas na Colômbia, Martín-Barbero (2009) percebe que a Comunicação se dava muito mais em espaços de medições do que principalmente nos meios. Daí voltar seus estudos para além dos meios, na medida em que “vejo que as pessoas se comunicam e investem muito mais tempo na comunicação familiar, na comunicação no trabalho, na comunicação no bairro, na comunicação religiosa, na comunicação festiva, na comunicação lúdica” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150).

Se entendermos a festa como uma mediação, e a partir de uma compreensão do processo comunicativo que dê conta da complexidade sócio-cultural, podemos analisar a Festividade de Carimbó de São Benedito pelo viés da Comunicação. Isso significa observar a festividade no que ele oferece de expressão do modo de sentir, estar no mundo das pessoas que a constituem, os moradores do município de Santarém Novo, no Pará.

A Festividade de São Benedito é organizada há anos pela Irmandade de Carimbó de São Benedito. Não há registros históricos de quando surgiu a Irmandade nem quando a celebração teria iniciado. A história que se conta pela tradição oral é que uma família portuguesa teria ido morar em Santarém Novo, e com ela levado escravos para o local, sendo estes os primeiros negros a morarem no município. Esses negros teriam criado a Irmandade e a festividade.

Na festividade o carimbó é dançado em 11 noites de festa, entre os dias 21 e 31 de dezembro. A festa, na verdade, organiza-se desde o ano anterior, quando são escolhidos os festeiros de cada noite. Normalmente são promesseiros agradecendo a São Benedito ou membros da Irmandade escolhidos por meio de um sorteio, chamado de pilouro.

A festa inicia-se às cinco horas da manhã do dia 21, quando um grupo vai tocar carimbó na porta da casa do promesseiro, momento este chamado de alvorada. O festeiro, em retribuição, oferece um café da manhã aos músicos e demais presentes, no qual constam comidas tradicionais do local como o beju chica e uma bebida feita com gengibre e cachaça, chamada de gengibirra. Fogos de artifício anunciam para a cidade o início da festa.



**Figura 1: Alvorada: carimbó e café da manhã na casa do festeiro**

Na tarde do primeiro dia de festa, um mastro enfeitado com frutas como mamão, banana, jaca, açaí, coco entre outras, é carregado pelas ruas da cidade para ser levantado na frente do barracão da Irmandade. O levantamento do mastro é feito ao som do carimbó. À noite, a festa inicia às 21h no barracão, com o grupo de carimbó “Os Quentes da Madrugada”. O festeiro distribui comida e bebida de graça para os participantes. A festa vai

até às quatro da madrugada. Às cinco inicia-se a próxima alvorada, e assim seguem os dias de festa.

No barracão, durante as noites de festa, dança-se o carimbó em homenagem a São Benedito. Em Santarém Novo, porém, o carimbó é dançado por homens vestidos de terno e gravata, e mulheres de saia comprida e camisa de manga. Na tradição oral do município, a história dessa vestimenta é narrada por um dos integrantes da Irmandade assim:

No tempo que existia escravos, nesse tempo os brancos eram mais valorizados que os negros, os brancos eram os grandes, os negros fizeram um barracão, os índios fizeram o carimbó [instrumento], no tempo não tinha corda e eles amarravam com cipó. Aí os brancos fizeram uma festa e os músicos não vieram, os brancos de terno e gravata chamaram os negros e os índios para tocarem, e obrigaram eles a usar terno e gravata. Aí ficou a tradição (ENTREVSITA, dezembro/2011).

Durante os 11 dias de festa, a comunidade mergulha no ambiente festivo, e leva a vida como que no ritmo do carimbó. Parte da vida das pessoas é direcionada para a festa e por ela. Como observa Bakhtin (2008) sobre o carnaval medieval, durante a Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo, o povo vive a festa e se expressa culturalmente por meio dela. E nesse processo vai se constituindo social e culturalmente.



**Figura 2: festa no barracão: carimbó de terno e gravata**

Ao dançar o carimbó nas noites festivas, os integrantes da Irmandade de Carimbó de São Benedito estabelecem e constroem dinamicamente relações culturais não só com os visitantes do município que vem de outras cidades e estados, mas principalmente consigo próprios. E é nessa interrelação ocorrida no momento da festividade, durante todas as suas

atividades, que o processo de comunicação se dá como um instituidor de relações, em que os atores do processo se constroem e reconhecem socialmente. Ou seja, é por meio da festa que se realiza uma identificação cultural.

Como propõe França (2001), é no processo comunicativo que os sujeitos se constituem culturalmente e se expressam socialmente, num dar a conhecer-se e, ao mesmo tempo, um reconhecimento, que se daria em uma relação com o outro, um reconhecimento a partir do outro. No caso da festividade, no entanto, esse outro não é o distante, mas, por vezes, os próprios integrantes da Irmandade, os moradores do local que assistem a festa, os jovens.

Aí haveria um processo mais complexo, não uma mera transmissão de informações, mas uma forma global, dinâmica, relação cultural, interação com o outro na qual que se constituiria a si próprio. Essa interação simbólica traria para o processo comunicativo uma visão mais ampla, superando o modelo de transmissão de informações.

Com a festividade, em Santarém Novo as pessoas se vivem, e ao mesmo se representam e dizem quem elas são, como são, no momento da festa. Elas expressam a sua sensação do mundo, sua forma de compreendê-lo, sua visão desse mundo. Este ainda encantado pela religiosidade, em que o santo é tratado como um vizinho, um amigo próximo. E que, mesmo diante de dificuldades econômicas, todos os anos há o que se celebrar e compartilhar com a comunidade.

A Festividade de São Benedito, dessa maneira, constitui-se como um processo de comunicação no qual a comunidade se representa, vivendo e narrando uma Amazônia ainda ligada a um tempo mítico, regida pelo imaginário.

### **Primeiras considerações**

A Comunicação, seja enquanto área de saber seja como processo social, requer, no âmbito da pesquisa, um esforço reflexivo para que se possa compreender a realidade a partir de seu olhar, do viés comunicativo. Neste artigo nos propomos articular algumas pistas no sentido de analisar uma festa como um processo de comunicação. Entretanto, o trajeto a percorrer nessa compreensão ainda encontra-se nos primeiros passos.

Como reflexões iniciais, tentamos trazer para o campo da Comunicação a Festividade de Carimbó de São Benedito. A análise, no entanto, apresenta dificuldades tanto teóricas quanto metodológicas, na medida em que para se realizar a reflexão se faz necessário superar o modelo informacional de Comunicação. Perdidas as referências de

emissor e receptor previstas nesse modelo de forma mecânica, partir para a observação da Comunicação em processo pressupõe um desafio.

Ainda carecemos compreender os processos comunicativos que se dão no meio cultural. A tarefa torna-se mais complexa quando nos encontramos no contexto de uma região como a Amazônia. Trazer uma festa para a área da Comunicação e entender o que ela carrega de característico da região, qual sua especificidade, parece ser o problema central ao qual nos propomos investigar.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?**. Compós, 2001.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTINO, Luiz C. **História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional**. E-Compós, 2004.

MARTIN-BABERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MARTINO, Luiz C. **Abordagens e representação do campo comunicacional**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. Vol. 03. São Paulo, Nov. 2006.

MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.